

Inked

CULTURA. ESTILO. ARTE.

ICE BLUE DO RACIONAIS MC's

"NÃO DÁ PRO RAP MANTER O DISCURSO.
HOJE TEM OUTRA REVOLUÇÃO A SER
FEITA: UMA REVOLUÇÃO AMOROSA"

EMICIDA
MAGGIE Q
ANDRÉ MEYER
DICKY BARRET
DUFF MCKAGAN
CIGANO

CHUCK PALAHNIUK

"QUANDO VEJO UMA FRASE
MINHA TATUADA, JURO QUE
VOU ESCREVER FRASES
MAIS CURTAS"

DANNY TREJO, O MACHETE

"É MELHOR MIRAR A LUA
E ERRAR DO QUE MIRAR
A SARJETA E ACERTAR"

R\$ 14,90
ANO 2 | Nº 12 | JUNHO/JULHO 2012



#12



MENTIRAS sinceras

Verdade e ficção se misturam na obra de Chuck Palahniuk. Em entrevista à *Inked*, o autor de *Clube da Luta* fala sobre inferno pessoal, visual de padre e tattoos em partes íntimas

POR DANIEL JOHN FURUNO | ILUSTRAÇÃO FABRÍCIO ALENCAR

EM DUAS OCASIÕES, FRED TEVE EM SEU ENCALÇO ALGUÉM QUE-RENDO MATÁ-LO. Na primeira, ele ainda era uma criança: seus irmãos tiveram tempo de correr e se embrenhar na mata ao redor da cabana da família, mas ele ficou para trás e precisou se esconder embaixo da cama. Sua mãe jazia, baleada, num cômodo ao lado. Seu pai chamava por ele, andando de lá para cá com a espingarda na mão, o cano ainda fumegante por causa dos tiros recém-disparados na esposa. Depois de algum tempo, seu pai desistiu de caçá-lo e acabou tirando a própria vida. Na segunda ocasião, Fred já era um senhor de 60 anos: na volta de um encontro com Donna, uma mulher que havia conhecido por meio de um anúncio nos classificados do jornal, ele foi surpreendido pelo antigo namorado dela, um ex-presidiário ciumento e vingativo. Dessa vez, não teve como escapar.

Embora pareça dramática e bizarra demais para ser verdade, a história não é fruto da imaginação do norte-americano Charles Michael Palahniuk, ou melhor, Chuck. Fred era seu pai. A tragédia na cabana aconteceu em 1943, e é aludida na capa de uma compilação do escritor, apropriadamente intitulada *Mais Estranho Que a Ficção*. Já a morte de Fred ocorreu em 99, poucos meses antes da estreia de *Clube da Luta*, filme de David Fincher, que adaptou para as telonas o primeiro ro-



MAGGIE

Enigmática, a estrela de filmes de ação hollywoodianos e intérprete da assassina Nikita, faz mistério sobre sua vida íntima, mas revela algo que muito nos interessa: suas tatuagens

*POR ROCKY RAKOVIC
FOTOS SARAH MCCOLGAN*





DUFF MCKAGAN

Ele já esteve no topo das paradas em bandas como Guns N' Roses e Velvet Revolver. Agora este hard rocker de 48 anos escalou o cume de outra lista: a dos livros mais vendidos

POR TIM MOHR | FOTOS MAGDALENA WOSINSKA

Em 1984, Michael Andrew "Duff" McKagan, apenas um moleque punk de Seattle, resolveu dirigir seu velho Ford até Los Angeles para tentar fugir da cena de drogados do Noroeste, onde já havia tocado bateria, guitarra e um pouco de baixo em bandas como o Fastbacks e o 10 Minute Warning. Uma semana depois, ainda morando em seu carro, ele respondeu a um anúncio de um cara chamado Slash, que procurava por um baixista. O resto você já sabe - o Guns N' Roses estourou com seu álbum de estreia e entrou para a lista dos discos mais vendidos do mundo. McKagan, que acabou no hospital em 1994 graças a uma pancreatite aguda causada por uma década de consumo abusivo de drogas e bebida, ficou sóbrio e resolveu cursar uma faculdade. Mais tarde, entrou para o Velvet Revolver, junto com Slash, e se tornou colunista do *Seattle Weekly* e da ESPN. A incrível história de McKagan é contada em sua autobiografia best-seller *It's So Easy (and Other Lies)* [ainda sem edição em português].

INKED: Como você descobriu que tinha entrado pro Rock and Roll Hall of Fame?

DUFF MCKAGAN: Nenhum envelope de veludo chegou à minha casa entregue por um cara de terno e luvas brancas. Nada disso. Eu descobri que entrei pro Hall of Fame porque alguém me ligou contando que tinha lido na internet. Não faço ideia de como é o processo de seleção. Mas não é como um esporte ou uma competição. E também não é como se você fosse um jogador de futebol com um currículo cheio de títulos e gols. Tem mais a ver com os pequenos momentos de glória artística, com o fato de mais e mais pessoas passarem a ir aos seus shows... Mas eu sabia que teria de ir à cerimônia, porque quando aconteceu o lance com o Van Halen e só dois caras apareceram, os fãs ficaram chateados. Eu valorizo muito o empenho dos nossos fãs, que nos acompanham há tanto tempo e nos apoiam sempre, então, o mínimo que eu podia fazer era aparecer lá.

Dá para comparar a emoção de receber a notícia de entrar para o Hall of Fame à de chegar ao topo das paradas com o *Appetite for Destruction*? Também não foi um momento grandioso. Estávamos em turnê, trabalhando. Morávamos no ônibus com nossa equipe, fazíamos uma grana por semana e não podíamos estar mais felizes. Não havia internet ou celular - aliás, ninguém que a gente conhecia tinha, nem nossos empresários. Descobrimos porque a nossa gravadora mandou um representante até o nosso ônibus com um bolo. E nele estava escrito: "Vocês estão em primeiro". E nós ficamos tipo, "Uh, beleza! Ok, ganhamos um bolo, legal". Mas nem sabíamos o que aquilo realmente significava. Com o Rock and Roll Hall of Fame foi a mesma coisa - eu não sei direito o que isso significa.

No seu livro, você fala sobre se tatuar pela primeira vez após o Guns N' Roses assinar um contrato com a gravadora. O que fez você querer registrar a situação dessa forma? Hoje em dia todo mundo tem tatuagem e todo mundo tem mangas inteiras, mas em 1986, quando assinamos contrato, eu conhecia poucas pessoas tatuadas - e cada um tinha só uma. O Axl tinha uma, o Izzy também. E eu pensei: "Porra, que legal!". Mas uma tatuagem custava uns 300 mangos - era muito caro pra mim. Naquela época, ou eu pagava o aluguel ou me tatuava. Não dava para fazer as duas coisas. Então, quando ganhei aquela grana da gravadora, eu sabia que ia me tatuar.

Sua primeira tatuagem foi, evidentemente, duas armas e uma rosa. E quando você fez a segunda? Uma semana depois - mas nem lembro como foi. A questão é: nós nos sentimos premiados depois de assinar aquele contrato. De repente eu tinha 7.500 paus. Eu paguei três alugueis adiantados e comprei botas novas de cowboy e uma calça. O resto eu deixei pra pagar bebida pra todos os meus amigos. Uma manhã eu acordei no chão do apê de alguém com uma puta dor no braço. E lá estava minha segunda



O ZEN DO RAP

Ao lado de Mano Brown, ele é fundador dos Racionais MC's, um dos maiores fenômenos musicais e culturais brasileiros, "apoiado por mais de 50 mil manos". Mas Ice Blue quer mesmo é passar batido e ficar na dele, no canto mais escuro da balada

POR HUDSON ALMEIDA | FOTOS CHRISTIAN GAUL

Holocausto Urbano, Escolha seu Caminho, Raio-X do Brasil, Sobrevivendo no Inferno e Nada Como um Dia Após o Outro Dia. Os álbuns de estúdio são relativamente poucos, mas o tamanho do impacto (e da fama) do maior grupo de rap do Brasil é tão grande que chega a ser difícil medir. Mas Ice Blue, nascido Paulo Eduardo Salvador há 43 anos, sabe que, como canta seu parceiro de música e vida Mano Brown na recém-lançada faixa *Marighella*, "sucesso em excesso é o cão". Acostumado a fazer a ponte entre os escritórios do showbiz e do sistema e a periferia esquecida que seu grupo ajudou a colocar no mapa, na hora de escolher entre holofotes e tapinhas nas costas e o trabalho dos bastidores, ele não tem dúvida: fica com a segunda opção.

Numa quarta-feira paulistana caótica, de greve no metrô e trânsito batendo recordes, na espera pelo jogo do seu Corinthians pela Taça Libertadores, Blue recebeu a *Inked* pra um entrevista sem pressa. Falou de Racionais MC's, infância nas ruas "do fundão" da zona sul, disco novo, projetos futuros e, claro, tatuagem. O sujeito alto de ar intimidador está fechando um dos braços com divindades, símbolos de fé e outros elementos orientais. Essas tatuagens, que convivem com a imagem do rapper Tupac Shakur e as iniciais VL (de "Vida Loka") nas costelas, não são um paradoxo, mas uma afirmação do seu atual jeito mais suave de encarar a vida, descoberto, entre outras formas, por meio do jiu-jitsu. "Nós, moleques de periferia, já nascemos com uma raiva interna inexplicável. E quando você pratica uma luta, canaliza esse seu poder, essa sua força, em outra coisa, e isso acaba te renovando", analisa, num papo que deixou claro que Ice Blue não é só o mais tatuado integrante dos Racionais, mas também o cara que ajudou a abrandar o discurso do quarteto mais consagrado do rap nacional.





CIGANO

Hepiderme Design
Rua Serra de Japi, 130 - Tatuapé
São Paulo, SP
(11) 2296-3312
hepidermedesign.com.br

Paranaense de Cruzeiro do Oeste, João Carlos dos Santos Aguilera veio para São Paulo com a família aos dois anos de idade. Na infância, morava em uma rua semideserta em São Miguel Paulista. Sua casa era vizinha a um terreno descampado onde se instalaram umas 10 famílias de ciganos. Ele e seus irmãos viviam com a criançada nômade: visitavam as barracas, faziam churrascos, enquanto os vizinhos sem-teto tomavam banho na casa da família paranaense de sete filhos. Nascia ali o apelido que o acompanha até hoje: Cigano.

Quando empunhou a máquina pela primeira vez e cravou na pele do irmão sua primeira tatuagem, Cigano não carregava um desenho sequer em seu corpo. Na época, as únicas agulhas que encarava eram as das injeções aplicadas na farmácia onde trabalhou por duas décadas. Quando suspeitou que a tatuagem poderia lhe apontar um novo rumo, em vez de se infiltrar como aprendiz em um estúdio qualquer, foi fazer cursos e investir no estilo que mais lhe chamou a atenção: o realismo.

Incontáveis retratos depois, o tatuador de jeito simples e envergonhado, que usa o diminutivo muitas vezes ao se referir, carinhosamente, à filha de sete anos, é apontado como um dos grandes nomes da tattoo realista no Brasil. Mas ele parece nem se dar conta disso.

INKED: Como começou sua história na tatuagem?

CIGANO: Tive contato pela primeira vez em 1993, por intermédio de um amigo que tatuava. Eu não tinha nenhuma tatuagem e pensei: "Ah, vou fazer uma no meu irmão". Até hoje eu não sei o que eu fiz nele [risos]. Se eu não me engano, a intenção era fazer um símbolo do signo de Câncer...

E nessa época você trabalhava em quê? Trabalhei na farmácia de uma família por 20 anos. Mesmo quando comecei a tatuar, continuei trabalhando lá. Na hora do almoço, quando dava, eu fazia uns cursos. E, nas horas vagas, eu desenhava.



“Eu não gosto de tatuar só pessoas, gosto de fazer realismo. Pode ser um copo, vou fazer com a mesma intensidade que faço um rosto de criança”

Isso desde pequeno... Nessa época, já fui me interessando mais e comecei a me tatuar. Daí, fui numa convenção e falei: “Vou ver se é isso o que eu quero pra mim”. Comecei a tatuar em casa, depois do expediente da farmácia, lá pelas 11 e meia, meia-noite. E, aí, entrava madrugada adentro. Quando via, já tava na hora de voltar pra farmácia. Fiquei nessa por cinco anos... Quer dizer, dei uma parada em 96 porque tive um surto psicótico devido ao uso de umas substâncias. Mas isso não vem ao caso...

Espera. Conta um pouco, como foi isso? Ah, sempre tinha uns amigos que chegavam com bebida, com... Bom, chegou uma hora que eu tive um surto. Uma crise de Síndrome do Pânico. Chegou um cara em casa e eu tive que mandar sair correndo. Falei “some daqui!”. Eu tava com uma arma na mão. Daí, eu sumi. Fiquei 29 dias desaparecido. Passei por Pouso Alegre, São Tomé das Letras e fui parar em Divinópolis. Quando ia inteirar 30 dias, eu pensei: “Acho que, se completar um mês, dá abandono de emprego, né?”. Então, eu voltei. E voltei outra pessoa, com a mente totalmente mudada.

Sei. Disposto a dar um basta? É. Um basta em tudo, até na tatuagem. Fiquei dois anos parado. Sossegado de tudo, mesmo trabalhando do lado da portaria 27 [que regulamentava a prescrição de medicamentos psicotrópicos antes da criação da Anvisa]. Tarja preta, né? Foi uma prova de fogo, mas consegui aguentar.

E quando você voltou a tatuar? Em 98, quando pedi a conta. Na farmácia, ninguém acreditava: “Cê tá louco, comeu merda quente e vai sair no sereno” [risos]. Mas não dava mais, não tava satisfeito. Sai e abri minha primeira loja, em São Miguel. O nome já era Hepiderme Design, como é até hoje.



E como foi esse começo? Foi dureza... Não era conhecido, então ficava ali, esperando. Nunca fui de placa, então, quase não tinha cliente. Fiquei um ano assim. Tava quase fechando as portas. Quando tava quase desistindo, me matriculei no Liceu de Artes e Ofícios, em 99. Aí eu trabalhava até as sete da noite e, depois, ia pro curso de realismo, fotografia... Figuras humanas. Nessa época, vi uma revista de tattoo e pensei: “Vou mandar um trabalho meu pra lá”. Chamei um amigo que queria fazer uma cobertura, fiz um índio nele e mandei pra revista. Daí, ficou aquele negócio de comer as unhas até a revista sair [risos]. Quando saiu, o telefone começou a tocar.

Aí veio a virada. É. Isso era começo de 2000. Nesse mesmo ano, eu participei de uma convenção internacional e fui premiado por um Albert Einstein que eu fiz, um trabalho bem legal.

Das personalidades famosas que você retrata, quem é a mais pedida? Ah, Cristo, né? É tanto retrato de Jesus que eu até falo “só por Cristo mesmo, viu” [risos].

A maioria das pessoas que você tatua quer homenagear alguém, pede retratos? Sim... Quando eu comecei a pegar nome, pediam mais índio porque achavam que era isso que eu gostava de tatuar. Mas até hoje eu explico: “Eu não gosto de tatuar só pessoas, gosto de fazer realismo. Pode ser um copo, vou fazer com a mesma intensidade que faço um rosto de criança”.

Você acompanha o trabalho de outros tatuadores realistas, se espelha em alguns? Com certeza. Cada um tem sua assinatura própria, o seu jeito de fazer. O cliente procura a gente porque se identifica com o nosso estilo, com o traço. Cada um tem sua marca. Hoje tem gente que faz realismo com pontilhado,



Na **BANCA INTERNET** você encontra revistas e livros
sobre os assuntos de seu interesse:
Games, Excel, Access, Gravação de CDs e DVDs, Hardware,
Programação, Linux, Webdesign e muito mais.

Clique e encontre o que sempre quis:

www.bancainternet.com.br